

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PPG-ART-MP

ANA BÁRBARA DE SOUZA TEÓFILO

AS LENDAS AMAZÔNICAS EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: METODOLOGIA
DE ENSINO DE ARTES VISUAIS

MANAUS
2023

ANA BÁRBARA DE SOUZA TEÓFILO

AS LENDAS AMAZÔNICAS EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: METODOLOGIA
DE ENSINO DE ARTES VISUAIS

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Mestrado Profissional em Artes na IES-Associada – Universidade Federal do Amazonas/Universidade do Estado do Amazonas, como pré-requisito para obtenção do grau de mestre, sob a orientação da Profa. Dra. Claudia Carnevskis de Mello.

Linha de Pesquisa: Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes

MANAUS
2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

T314l Teófilo, Ana Bárbara de Souza
As lendas amazônicas em histórias em quadrinhos : metodologia de ensino de artes visuais / Ana Bárbara de Souza Teófilo . 2023
49 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Cláudia Carnevskis de Mello
Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Ensino de artes visuais. 2. Histórias em quadrinhos. 3. Lendas amazônicas. 4. Metodologias de ensino. I. Mello, Cláudia Carnevskis de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

ANA BÁRBARA DE SOUZA TEÓFILO

AS LENDAS AMAZÔNICAS EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: METODOLOGIA
DE ENSINO DE ARTES VISUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca de Defesa, junto ao Mestrado Profissional em Artes-PROFARTES. Linha – Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes.

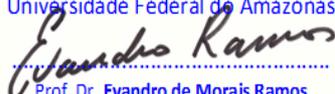
Aprovado em: 28/02/2023

BANCA EXAMINADORA



Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Carnevskis de Mello

Universidade Federal do Amazonas


Prof. Dr. Evandro de Morais Ramos

Membro: Prof. Dr. Evandro de Morais Ramos



Membro: Prof(a) Dr(a) Elizandra Garcia da Silva

RESUMO

Este artigo trata do uso de histórias em quadrinhos (HQ's) no ensino de artes visuais para alunos/as do 6^o ano do Ensino Fundamental. Assim, buscou-se aplicar a linguagem das HQ's nas aulas de Arte, abordando as lendas amazônicas. Desse modo, tentou responder: de que maneira pode-se trabalhar com histórias em quadrinhos dentro do componente curricular Arte, como uma forma de (re)contar as lendas amazônicas? A importância da pesquisa, residiu em relacionar o conhecimento visual, os processos criativos nas histórias em quadrinhos e o conteúdo das lendas amazônicas, além de contribuir com a área do Ensino das Artes Visuais, bem como com a minha própria prática docente, além de possíveis contribuições para outros estudos no ensino de artes, socialização em eventos acadêmicos e científicos, em periódicos das artes e áreas afins e para a formação artística e cultural dos alunos. Foi utilizada a metodologia A/R/Tográfica (DIAS e IRWIN, 2013) na qual exigiu a aplicação de uma atividade. Para o desenvolvimento de processos criativos dos alunos, aplicou-se a abordagem de Sandra Rey (2002) sobre as dimensões da criação, são elas: a dimensão abstrata, a dimensão prática e a dimensão da obra em processo. Como procedimentos metodológicos, aplicou-se a pesquisa exploratória, para a construção do estado da arte e para conhecer melhor o objeto de estudo, e a pesquisa bibliográfica, para a fundamentação das discussões teóricas. Como resultado desse estudo, elaborou-se um diagrama exemplificando o fluxo didático do uso das histórias em quadrinhos no ensino de artes visuais.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais. Histórias em Quadrinhos. Lendas Amazônicas.

ABSTRACT

This article deals with the use of comics in teaching visual arts to 6th grade students. year of elementary school. Thus, we sought to apply the language of comics in Art classes, addressing the Amazonian legends. In this way, it tried to answer: how can comics be worked within the Art curriculum component, as a way of (re)telling the Amazonian legends? The importance of the research resided in relating visual knowledge, the creative processes in comics and the content of Amazonian legends, in addition to contributing to the area of Visual Arts Teaching, as well as to my own teaching practice, in addition to possible contributions to other studies in arts teaching, socialization in academic and scientific events, in arts journals and related areas and for the artistic and cultural education of students. The A/R/Tographic methodology (DIAS and IRWIN, 2013) was used, which required the application of an activity. For the development of the students' creative processes, Sandra Rey's approach (2002) was applied on the dimensions of creation, namely: the abstract dimension, the practical dimension and the dimension of the work in process. As methodological procedures, exploratory research was applied, for the construction of the state of the art and to better understand the object of study, and bibliographical research, for the foundation of theoretical discussions. As a result of this study, a diagram was created exemplifying the didactic flow of using comics in visual arts teaching.

Keywords: Amazon Legends. Comics. Visual Arts Teaching.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 01 – Roda de conversa | 28 |
| Figura 02 – Alunas folheando uma revista | 30 |
| Figura 03 – Aluno lendo uma revista | 30 |
| Figura 04 – Slide com imagens de quadrinhos sobre a Amazônia | 31 |
| Figura 05 – Slide sobre a estrutura dos quadrinhos | 32 |
| Figura 06 – Slide sobre sequência de leitura dos quadrinhos | 32 |
| Figura 07 – Aluno desenhando um Mapinguari | 33 |
| Figura 08 – Kit de material | 34 |
| Figura 09 – Criando personagens | 35 |
| Figura 10 – Criando personagens | 36 |
| Figura 11 – Texto escrito por aluna | 37 |
| Figura 12 – Texto escrito por aluno | 38 |
| Figura 13 – Aluno desenhando os quadrinhos | 39 |
| Figura 14 – Criando HQ | 39 |
| Figura 15 – Criando HQ | 40 |
| Figura 16 – Aluna desenhando a HQ | 40 |
| Figura 17 – HQ desenhado por aluna | 41 |
| Figura 18 – HQ desenhado por aluna | 42 |
| Figura 19 – HQ desenhado por aluno | 43 |
| Figura 20 – HQ desenhado por aluno | 44 |
| Figura 21 – HQ desenhado por aluno | 45 |
| Figura 22 – HQ desenhado por aluno | 46 |
| Figura 23 – HQ desenhado por aluna | 47 |
| Figura 24 – Revista em quadrinhos impressa | 48 |
| Figura 25 – Esquema didático da proposta de uso das HQ's em sala de aula | 51 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 01 – Levantamento dos trabalhos defendidos no PROFARTES | 16 |
|--|----|

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------|-----------|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| Um Pouco de Mim... .. | 9 |
| Onde Leciono... .. | 12 |
| O QUE SE TEM PESQUISADO... .. | 16 |
| Em Busca de Conceitos... .. | 20 |
| METODOLOGIA | 24 |
| Proposta Pedagógica... .. | 26 |
| Etapas da Atividade | 27 |
| RESULTADOS E DISCUSSÕES | 49 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 53 |
| REFERÊNCIAS | 55 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta e analisa uma possibilidade de ensino nas Artes Visuais, a partir da criação de histórias em quadrinhos sobre as lendas amazônicas. Desse modo, propus como projeto de atividades uma experimentação de uma abordagem metodológica para o ensino das Artes Visuais, com alunos do ensino fundamental II, da Escola Estadual Cívico Militar Fueth Paulo Mourão. Para isso, desejo junto com os alunos, desenvolver processos criativos no espaço da sala de aula. Esta pesquisa relaciona o conhecimento visual, os processos criativos nas histórias em quadrinhos e o conteúdo das lendas amazônicas.

Assim, objetivou-se estudar, a partir da a/r/tografia de Belidson Dias e Rita Irwin (2013) e da abordagem metodológica para os processos de criação em artes visuais de Sandra Rey (2002), a criação de histórias em quadrinhos sobre as lendas amazônicas na escola no ensino das artes visuais, bem como fazer com que o aluno investigue tais lendas a partir de sua realidade e experimente técnicas relacionadas com a arte sequencial, a linguagem visual, os materiais e referências de quadrinhos que trabalham com a mesma temática, além de buscar aproximações entre abordagens metodológicas em processos criativos em quadrinhos.

Neste trabalho apliquei um planejamento pedagógico composto por sete aulas com o foco nas histórias em quadrinhos e nas lendas amazônicas. Possibilitando aos alunos construir conhecimentos sobre a cultura amazônica e sobre o seu próprio imaginário. Outro ponto importante da pesquisa é que os alunos desenvolveram processos de criação a partir de sua realidade, inserida na cultura amazônica, como também elaboraram estudos sobre as lendas, para fundamentar a sua reinterpretação.

Este trabalho foi realizado com uma turma do 6º. Ano do ensino fundamental II, a partir da criação de uma história em quadrinhos, tomando como referência as lendas amazônicas. Assim, busquei responder: quais as possibilidades de trabalhar a criação de histórias em quadrinhos sobre as lendas amazônicas no ensino das artes visuais em sala de aula?

A realização deste projeto possibilitou o desenvolvimento e o aprimoramento de métodos de ensino em artes visuais, construindo conhecimentos sobre as linguagens dos quadrinhos, as lendas amazônicas, processos criativos, materiais e técnicas de desenho, produzindo narrativas sobre a sua realidade cultural em forma de quadrinhos.

A arte e cultura amazonenses, especificamente as lendas, eram recorrentes entre os conteúdos de ensino de arte quando eu era aluna. Lembro-me quando eu era criança, também em casa, através da minha avó que costumava contar histórias, eu ouvia sobre esse universo cultural. Hoje, convivendo com os alunos, percebo que alguns alunos não conhecem as lendas e os mitos de nossa região, nem sabem dizer o que faz parte da cultura amazônica. Portanto, esse trabalho se mostra como um regaste para a reconstrução do conhecimento cultural de nossa realidade. Desse modo, busquei contribuir com a área do Ensino das Artes Visuais, com a construção de conhecimentos entre os alunos, bem como com a minha própria prática docente, além de promover o conhecimento da realidade cultural em que os alunos se inserem.

Um Pouco de Mim...

Me chamo Ana Bárbara, sou natural de Manaus – AM, formada em Artes Plásticas pela UFAM no ano de 2012. Atuo como professora de Artes no ensino fundamental desde 2016. Sou também artista visual e meu principal trabalho gira em torno da linguagem da pintura em tela. Participei de várias exposições de artes visuais. Neste memorial apresento parte do meu percurso pessoal como estudante de arte, como artista e como professora do componente curricular Arte no ensino fundamental.

Lembro que na minha infância eu gostava de realizar trabalhos manuais, por volta dos 10 anos a minha mãe me matriculou em um curso de marcenaria no centro profissionalizante chamado Padre Estélio Dálison, a ideia era que eu fizesse móveis de madeira em miniaturas para as minhas bonecas. Na época era permitido que crianças manuseassem máquinas profissionais de marcenaria. Este curso não era de artes especificamente, mas era voltado para uma atividade manual.

No curso tive a oportunidade de criar móveis para as minhas bonecas. Foi um período de muitas descobertas, pois passava as tardes na oficina de marcenaria, onde sentia o cheiro das madeiras, dos barulhos das máquinas cortando-as, da necessidade de atenção dobrada ao manusear as máquinas, principalmente as de cortes, de aprender a usar o prego e o martelo, da professora Obelinda, de tirar moldes e de esquematizar a montagem das peças, até o acabamento final com a avaliação da professora, que para mim era o momento mais tenso onde ela observava

toda a peça para ver se tinha algum defeito, se estava torta ou mal acabada. Eu sempre procurava caprichar nas minhas peças, minha meta era sempre ficar com o conceito de ótimo ou bom.

Alguns anos depois, já na adolescência comecei a fazer desenhos e frases e a pintar com tinta guache nas paredes do meu quarto, era tudo muito colorido. Por volta dos 17 anos de idade, a minha mãe decidiu procurar um curso de desenho artístico para eu fazer. Adorei a aula desde o primeiro dia, foi no curso que conheci os materiais adequados para o desenho. Eu não fazia ideia de que existiam, como os tipos de lápis, papéis, esfuminho e borrachas, era tudo novidade. Na mesma época comecei a fazer um curso de pintura em tela, agora eu entrava em outro universo e estava cada vez mais encantada e envolvida.

O meu interesse foi aumentando e então, no ano seguinte, comecei a procurar por outros cursos livres de artes plásticas, ingressei no Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro, localizado no centro da cidade. No liceu tive a oportunidade de realizar diversos cursos, como: pintura contemporânea, pintura acrílica, desenho artístico, desenho criativo, cartum e caricatura, história em quadrinhos, desenho em nanquim, produção de roteiro para audiovisual, entre outros, fiquei no liceu por cerca de 4 anos.

Foi através do Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro que pude participar da minha primeira exposição coletiva, que aconteceu na reinauguração do Centro Cultural Usina Chaminé, foi um grande acontecimento para mim, o espaço estava lotado, a imprensa se fazia presente e foi divulgado em vários meios de comunicação. Foi um acontecimento e tanto para a minha vida artística.

Paralelamente, participei de um projeto intitulado "Arte com Lata", realizado pela Prefeitura de Manaus, com a duração de vários meses. O foco do projeto era o ensino da técnica do grafite de rua, também tive aulas de desenho artístico, pintura em tela, serigrafia.

No ano de 2007, decidi pelo curso de Licenciatura em Artes Plásticas, no qual ingressei no ano seguinte, na Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Durante a graduação, participei de vários projetos, incluindo um de iniciação científica, intitulado "Grafite como linguagem: um estudo da comunicação a partir das interferências do espaço urbano nos sistemas de signos que modelizam o grafite", realizado de 2010 a 2011, que tinha como objetivo, o estudo sobre os grafites e pichações nas avenidas Constantino Nery e Djalma Batista, na cidade de Manaus. Lembro de ficar bastante tensa com a pesquisa, pois tudo era novidade. Caminhar

pelas duas avenidas para registrar os grafites e as pichações dos muros e paredes, geralmente aos finais de semana ou feriados. E tensão ainda maior na minha “defesa” dos resultados da pesquisa, durante o Congresso de Iniciação Científica.

Particpei também, de projetos de extensão como o "Coletivo Vídeartemao", "Oficina de videoarte", "Escultura em miniatura" e "Modelagem de personagens". Além de atuar como bolsista do projeto "Clube do DVD", no Centro Artes da UFAM – CAUA, de 2009 a 2010. Esses projetos enriqueceram a minha experiência acadêmica durante a graduação. Ter contato com edição de vídeos, produzir videoartes, modelar personagens, e as noites de exibição de filmes pelo Clube do DVD, se tornaram momentos ímpares.

Também, fiz parte do programa de extensão "Escola de Artes", desenvolvido até hoje, pela atual Faculdade de Artes da UFAM. Além de ser bolsista na secretaria do Mídias na Educação e na coordenação pedagógica no Centro de Educação a Distância - CED, no ano de 2013.

Meu ingresso na docência em Artes se deu no ano de 2016, na qual comecei a ministrar aulas no ensino fundamental II, para alunos do 6º aos 9º anos e turmas do projeto Avançar, no E. E. CIM Fueth Paulo Mourão. Outro momento de tensão na minha vida, a primeira vez que entrei em uma sala de aula, agora como professora.

Em minha prática docente em sala de aula costumo trabalhar com aulas práticas e processos de criação, o que atrai a atenção dos alunos, creio ser fruto de minha própria experiência como estudante de cursos de artes visuais. Procuo desenvolvê-las com aulas teóricas como base para as aulas de criações, sendo relevante que os alunos experienciem e desenvolvam seus próprios processos artísticos. E sempre que possível, organizo exposições e mostras com os resultados dessas experiências.

Assim, como arte/educadora, estou em constante processo de aprendizado, por isso, sinto necessidades de buscar outras abordagens metodológicas para dar conta das contínuas mudanças na realidade da sala de aula, dos alunos, dos recursos materiais e espaços disponíveis para a minha atuação.

Em março de 2021 iniciei o Mestrado Profissional em Artes, PROFARTES, cursando duas disciplinas obrigatórias e uma optativa: Metodologia da Pesquisa, A experiência artística e a prática do ensino das artes e Arte, Espaço e sociedade. No segundo semestre de 2021 só

uma disciplina Metodologias Contemporâneas: A interculturalidade no Ensino de Artes Visuais. No primeiro semestre de 2022, cursei mais duas disciplinas obrigatórias: Elaboração de Projetos Tecnologias Digitais para Ensino das Artes e Fundamentos Teóricos da Arte na Educação.

Onde Leciono...

A E. E. CIM Fueth Paulo Mourão foi fundada em 12 de dezembro de 1962 e está localizada no bairro de São Jorge, zona oeste de Manaus sob as ordens da Coordenadoria Distrital IV. A escola oferece a modalidade de ensino Fundamental II.

A escola possui 2 turnos de aulas e conta com 11 salas de aulas, e uma área construída de 576 M². O número de alunos matriculados em 2022 era de 869, sendo que a maioria deles moram nas proximidades ou em bairros vizinhos. Grande parte vai caminhando até às dependências da escola.

Com relação aos seus espaços físicos, tem 38 dependências, contanto com 48 professores em atuação nos dois turnos e mais 22 servidores. Na escola existe uma biblioteca de porte pequeno com poucos livros relacionados a arte.

A escola tem uma estrutura pequena, não sendo possível a criação de um ateliê de artes, então costumo ministrar as minhas aulas na sala de aula. Tenho onze turmas de Artes e mais cinco de Ensino Religioso para completar a minha carga horária de 20 horas, restando apenas quatro horas de trabalho pedagógico (HTP) para dar conta de preparar aulas, preencher o Diário Digital e corrigir as atividades de dezesseis turmas. Cada turma tem apenas uma aula por semana.

Os alunos da escola onde eu atuo tem diversos perfis, a grande maioria dos alunos vem de famílias humildes e nos últimos anos a escola recebeu muitos alunos do Haiti e da Venezuela, alguns inclusive, não falam e não entendem o idioma português.

A dinâmica do ensino mudou bastante a partir do início de 2020, pois com o avanço da pandemia do novo coronavírus (COVID-19) no estado, o governo do Amazonas declarou em 16 de março e 2020, com o Decreto 42.0611, emergência da saúde pública do Estado. No entanto, até a suspensão das aulas da rede pública houve dois outros decretos². O impacto da

pandemia nas aulas da rede estadual de ensino público inicia formalmente com o Decreto N. 42.087, de 19 de março de 2020, que

dispõe sobre a suspensão das aulas da rede pública estadual de ensino, em todos os municípios do Estado do Amazonas, bem como das atividades das academias de ginástica e similares, e do transporte fluvial de passageiros em embarcações, à exceção dos casos de emergência e urgência, na forma que especifica”³.

Esse decreto suspendeu as aulas por 15 dias. Mesmo tendo as aulas iniciado no dia 06 de fevereiro, havendo menos de 30 dias de aulas efetivas. Contudo, no fim de mês de março, no dia 31, o Governo do Amazonas publica o Decreto N. 42.145⁴, prorroga a suspensão das aulas até dia 30 de abril. Depois desses decretos⁵, houve outros, mantendo as aulas suspensas até o dia 29 de setembro.

Em agosto de 2020, o Governo do Amazonas tenta um retorno das aulas presenciais, com o Decreto N.º 42.608⁶, de 06 de agosto de 2020, estabelecendo um cronograma para o retorno das atividades nas escolas de ensino médio, no dia 10 de agosto, e ensino fundamental para o dia 24 de agosto. Contudo, houve um movimento dos professores e apenas o ensino médio retomou as aulas presenciais, mantendo as aulas do ensino fundamental suspensas. Após isso, o Governo do Amazonas anuncia para o dia 30 de setembro a retomada das aulas presenciais para o ensino fundamental I e II⁷.

No dia 30 de setembro de 2020 retornamos para sala de aula com o sistema híbrido, intercalando com dois grupos de alunos A e B, segunda – feira e quarta – feira grupo A e terça – feira e quinta – feira o grupo B, nas sextas – feiras nós, professores, cumpríamos na escola o Horário de Trabalho Pedagógico (HTP). Alguns alunos optaram por não retornar para sala de aula, os responsáveis desses alunos assinaram um termo para que eles continuassem estudando em casa, mas se comprometiam em realizar as atividades de maneira remota.

Com o nosso retorno para sala de aula nos restou pouco tempo para trabalhar com os conteúdos planejados para o ano, pois, uma semana era equivalente a dois dias de aulas. Para os professores de arte esse tempo foi muito difícil, pois, tínhamos praticamente uma aula por mês na mesma turma.

Antes da pandemia, na minha prática docente na sala de aula, costumava trabalhar com aulas práticas e processos de criação, o que atraía a atenção dos alunos. Procurava desenvolvê-

las com aulas teóricas como base para as aulas práticas, sendo relevante que os alunos experienciassem e desenvolvessem processos criativos. E sempre quando possível, organizava exposições e mostras com os resultados dessas experiências.

Devido a pandemia, iniciamos o ano letivo 2021 trabalhando de maneira remota, e a Secretaria de Educação do Estado do Amazonas disponibilizou o projeto “Aula em casa” que são videoaulas transmitidas por alguns canais da TV pela internet através do Youtube e pelo aplicativo do “Aula em Casa”. Muitos responsáveis reclamavam da falta de recursos, principalmente por falta de acesso à internet em casa, sendo que algumas famílias possuíam apenas um aparelho de celular para dividir com vários filhos.

Na escola, decidimos criar para cada turma um grupo no aplicativo WhatsApp, para facilitar a comunicação com os responsáveis e alunos e para tirar dúvidas. Eu participava de onze grupos com o componente curricular Arte e em cinco grupos com Ensino Religioso totalizando dezesseis turmas, em média cada turma possuía quarenta e cinco alunos com exceção das três turmas de avançar que contavam com trinta alunos em cada turma. Também foram criadas as salas virtuais no Classroom, porém os pais e os alunos tinham muitas dificuldades para utilizá-las, o que acabou sendo motivos de reclamações com a gestão da escola, por isso eu optei por enviar e receber as atividades pelo WhatsApp. Porém percebi um número muito baixo de alunos que participavam das atividades, principalmente os alunos dos 9º anos e das turmas do Avançar.

As turmas com maiores números de alunos participantes são as turmas de 6º anos, talvez porque os pais estivessem mais presentes e acompanhavam as atividades dos filhos. No geral, houve uma defasagem muito grande de alunos com relação a participação com entregas de atividades.

Passava a semana toda tirando as dúvidas dos alunos recebendo as atividades para correção, muitas vezes recebi atividades muito atrasadas com relação ao prazo de entrega. Devido as circunstâncias, deixava o prazo de uma semana para entrega das atividades, pois sei que muitos alunos precisavam do acompanhamento dos pais para realizar as atividades e muitos trabalham fora de casa e só tem tempo no final de semana para ajudá-los.

Eu utilizei as videoaulas do “Aula em casa”, que era uma aula por bloco e cada bloco durava um mês, juntamente com o caderno digital do aluno para as atividades, além de elaborar as minhas atividades e enviar uma por semana para cada turma.

Eu enviava as atividades para o grupo da turma no WhatsApp e para alguns responsáveis, e depois que os alunos realizam as atividades, enviavam novamente para eu fazer a correção. Deste modo, sentia um contato mais próximo do aluno.

No dia 1 de junho de 2021, retornamos para a sala de aula com o ensino híbrido, onde, as turmas foram divididas em dois grupos A e B e faziam revezamento durante a semana. No dia 23 de agosto os alunos retornaram 100% para a sala de aula.

O QUE SE TEM PESQUISADO...

Para o levantamento da base teórica para a pesquisa busquei trabalhos como artigos, dissertações e teses. Iniciei buscando entre os trabalhos de conclusão defendidos no âmbito do Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes), no site do ProfArtes¹, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), como sugerido pelos professores que ministraram a disciplina Metodologia da Pesquisa, no primeiro semestre de 2021.

No site constam os trabalhos das turmas² de 2014, 2016 e 2018. A primeira triagem se deu a partir dos títulos, resumos e palavras-chave, primeiro que estivessem ligados às artes visuais, segundo que tratassem de interculturalidade, histórias em quadrinhos e/ou lendas.

Quadro 01 – Levantamento dos trabalhos defendidos no PROFARTES.

| ANO DA TURMA | UNIVERSIDADE | TOTAL DE TRABALHOS DEFENDIDOS | TOTAL DE TRABALHOS DEFENDIDAS EM ARTES VISUAIS |
|---------------------|---------------------|--------------------------------------|---|
| 2014 | UDESC | 26 | 9 |
| | UFBA | 15 | 5 |
| | UFC | 14 | 0 |
| | UFMA | 15 | 3 |
| | UFMG | 09 | 3 |
| | UFPA | 12 | 1 |
| | UFPB | 11 | 0 |
| | UFRN | 11 | 4 |
| | UFU | 15 | 1 |
| | UnB | 14 | 0 |
| | UNESP | 15 | 1 |
| 2016 | UDESC | 13 | 4 |
| | UFBA | 13 | 2 |
| | UFC | 12 | 0 |
| | UFMA | 12 | 5 |
| | UFMG | 11 | 5 |
| | UFPB | 13 | 1 |
| | UFRN | 09 | 7 |
| | UnB | 17 | 0 |
| | UNESP | 09 | 3 |
| 2018 | UDESC | 13 | 2 |
| | UFBA | 20 | 5 |
| | UFC | 10 | 1 |

¹ <https://www.udesc.br/ceart/profartes>.

² Os trabalhos, publicados no referido site, são de alunos/as das 11 (onze) universidades que até 2020, formavam as instituições associadas da Rede ProfArtes. São elas: UDESC, UFBA, UFC, UFMA, UFMG, UFPA, UFPB, UFRN, UFU, UnB e UNESP.

| | | | |
|--|-------------|-----|-----|
| | UFMA | 22 | 7 |
| | UFMG | 07 | 4 |
| | UFPA | 05 | 1 |
| | UFPB | 10 | 0 |
| | UFRN | 09 | 5 |
| | UFU | 08 | 2 |
| | UnB | 25 | 3 |
| | UNESP | 13 | 3 |
| | TOTAL GERAL | 408 | 105 |

Desse levantamento preliminar, identifiquei 105 trabalhos na área das Artes Visuais ou que tinha relação com a área, dos 408 TCC's analisados. Dos 105 cujos temas se relacionavam com artes visuais, apenas 06 trabalhos estavam ligados às questões da arte e interculturalidade, às lendas e/ou às HQ's.

Assim, partir de uma breve pesquisa exploratória no site do ProfArtes/UEDESC, nos anais dos congressos da ANPAP dos últimos 5 anos, não se identificou artigos que se relacionassem com os temas de interesse deste trabalho.

Os principais trabalhos que se julga importantes para a investigação, são: Alves (2016), Góes (2016), Silva (2016), Silva (2018), Vieira Júnior (2020) e Nicácio (2020). Eles tratam sobre ensino das artes visuais, histórias em quadrinhos e lendas. Deborah Santana Alves (2016) em seu artigo defendido no PROFARTES/UFBA, discursa sobre os “Percurso pedagógicos e criativos no ensino das artes visuais e da diversidade cultural indígena, africana e afro-brasileira”. Em seu trabalho apresenta uma proposta de intervenção pedagógica em arte-educação, o texto tem foco o ensino da diversidade cultural indígena, africana e afro-brasileira. O artigo discute métodos, processos criativos em Artes Visuais com foco no ensino da diversidade cultural indígena, africana e afro-brasileira. Neste artigo os alunos estudaram os conceitos de cultura, identidade cultural, multiculturalismo e pluriculturalismo e interculturalidade a partir da visão de Ana Mae Barbosa.

A autora acredita que a intervenção artística realizada no Colégio Militar de Salvador/Bahia poderá contribuir para um ensino multicultural. Pois a Lei N° 10.639/2003 e N° 11.645/2008 torna obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira, indígena e africana. Alves (2016) relata que a partir dessa experiência foi produzido um material didático para o ensino da arte e cultura indígena, africana e afro-brasileira.

Em seu trabalho, Góes (2016) relata a experiência de aprender a ver, com também sobre a visualidade em Artes visuais. Trabalhando o olhar em processo de transformação e construção para que os alunos aprendam a ver e desenvolver uma visão da sua própria realidade, do outro e do mundo. Este texto discute repertórios culturais e referências identitárias, por meio de processo metodológicos arte educativos, resultado de uma proposta intitulada “Identidades x Visualidades: aprender a ver, para ser, estar e conviver no mundo com alteridade”.

O objetivo de Góes (2016) foi permitir que os alunos refletissem sobre a “(des)construção das suas identidades, através das imagens cotidianas e assim desenvolvessem um olhar (est)ético e (po)ético crítico sobre o seu tempo e o lugar da realidade em que vivem” (GÓES, 2016, p. 5). Desse modo, sua proposta se aproxima de nosso projeto na medida que me busca-se o desenvolvimento do olhar dos alunos acerca de sua própria realidade.

O autor afirma a importância e a necessidade de investir na educação do olhar e que a “proposta metodológica foi satisfatória para o desenvolvimento da inteligência visual e das potencialidades artísticas, criativas, estéticas e poéticas no contexto sociocultural em que os educandos estão inseridos” (GÓES, 2016, p. 40). Assim, os alunos compreenderam que são formados por diferentes identidades, enxergando através das experiências artísticas e estéticas, compreendendo que eles são unidades na diversidade.

Próximo ao trabalho de Góes (2016), tem-se o estudo e prática de Mônica Sueli Caetano da Silva (2016), acerca de sua pesquisa que teve o intuito de contribuir para a construção de identidade, e sensibilizar os alunos a partir do uso de imagens e conteúdo artístico-cultural produzido por diferentes povos, buscando uma aproximação de outras matrizes culturais, além da europeia, principalmente a matriz africana, muito presente na cidade de Salvador.

O trabalho foi desenvolvido com os alunos do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Metodista Susana Wesley, situada na cidade do Salvador. A autora justifica a escolha do tema pois, percebeu que muitos alunos rejeitavam as representações culturais de origem africana, sendo que grande parte dos alunos são negros, mestiços e não brancos.

O resultado do trabalho contribuiu significativamente para a ampliação do repertório imagético, para a compreensão da diversidade. Foram usados conteúdos sobre diversidade étnico cultural, a leitura de imagens e de fotografias para a pintura corporal de povos africanos,

trabalhos com os símbolos africanos como o *adinkra*. Para a autora o objetivo do trabalho foi alcançado pois, através das imagens, da ludicidade, da sensorialidade, a autoimagem, a identidade, foi construído um percurso artístico-metodológico em artes visuais.

No trabalho de Fábio Tavares da Silva (2018), o autor explora a possibilidades do uso das histórias em quadrinhos no ensino de arte no âmbito do ensino médio, na qual realizou duas ações. O interesse do autor buscou aproximar as HQ's dos alunos e desenvolver a sua capacidade de leitura de imagens, experimentando distintas maneiras de produzir quadrinhos, o que resultou na criação de “narrativas visuais”, como aponta Silva (2018).

O autor chega à conclusão que ainda falta consolidar a compreensão das HQ's enquanto arte e de legitimar o seu uso no ensino de arte. A contribuição de seu trabalho colabora com um modo de ver as histórias em quadrinhos para além do entretenimento, mas como uma ferramenta no ensino e na aprendizagem em arte.

Outro trabalho a ser citado é de Vieira Júnior (2020), em que desenvolveu a sua pesquisa sobre o uso da linguagem das histórias em quadrinhos em suas aulas de arte com alunos do 9º ano. O autor analisou a experiência criativa dos alunos na produção de HQ's no ambiente escolar. Assim, o autor aponta que foi possível os alunos conhecerem essa forma de expressão, a sua linguagem e sua estrutura.

No mesmo ano, foi defendido outro trabalho no âmbito do PROFARTES que abordou as lendas brasileiras e a linguagem do desenho animado. A pesquisa de Nicácio (2020) estudou a produção de desenhos animados sobre as lendas brasileiras nas aulas de artes visuais, e a sua contribuição para a compreensão da identidade cultural desses alunos. Assim, o autor investigou de que maneira essas produções, com o uso da técnica do *stop/motion*, poderia contribuir como experiência a ser compartilhado junto aos professores da rede pública, através das tecnologias da informação e comunicação.

Acerca das pesquisas e estudos sobre os quadrinhos no ensino, vale destacar dois trabalhos, o primeiro é de Fools, Corrêa e Toledo (2020), em que fazem um levantamento do estado da arte sobre o uso de histórias em quadrinhos na educação, não necessariamente no ensino de arte. Outro trabalho é de Mendonça (2011), na qual aborda o uso das HQ's no ensino de arte contemporânea.

Esse levantamento preliminar sobre as pesquisas desenvolvidas sobre Histórias em Quadrinhos, ensino de artes visuais, permite situar a presente proposta pedagógica do trabalho de conclusão de curso em um cenário científico, buscando qualificá-lo melhor, assim como será possível estabelecer escolhas acertadas para a pesquisa que será aplicada no âmbito do ensino das artes visuais, para os alunos da educação básica na E.E.CIM Fueth Paulo Mourão.

Em Busca de Conceitos...

Esta pesquisa se fundamenta em duas bases: o conceito de arte e interculturalidade, para se pensar a abordagem a ser empregada no ensino das artes visuais; e histórias em quadrinhos, pensando para além da linguagem e sim como uma forma de pensamento.

O conceito de interculturalidade está baseado em Ana Mae Barbosa (1998) e Ivone Mendes Richter (2000). Ana Mae Barbosa (1998) cita o conceito de multiculturalismo e pluriculturalidade, sendo estas a coexistência de diferentes culturas no mesmo lugar. No entanto, o conceito de intercultural é a interação de diferentes culturas (BARBOSA, 1998) e o Brasil é exemplo disso, com seu aspecto intercultural diversificado, não podemos ignorar a cultura do colonizador, já que faz parte da nossa história, da memória que nos ajuda a entender nossa própria cultura. Pensar que existem várias culturas que não são separadas e fazem parte de um todo, na qual fazemos parte.

A autora apresenta em seu livro "Tópicos Utópicos", de 1998, questões, definições e abordagens, termos como cultura local, consciência cultural, identidade cultural, interculturalidade. A autora faz um preâmbulo para falar sobre esses diferentes conceitos. No entanto, o foco acaba sendo uma discussão sob uma abordagem intercultural.

O multiculturalismo são várias culturas coexistindo, onde as enxergamos separadamente. Já na interculturalidade, as culturas estão dentro, elas são integradas formando uma só. Nós pertencemos a uma cultura de caráter intercultural.

A identidade cultural não é estática, exemplo disso, é quando um país quer preservar sua cultura ou identidade. Como a cultura é dinâmica, é um processo dinâmico que é enriquecido através da troca, do diálogo com outras culturas e nós somos exemplos disso, nós estamos sempre em construção, como por exemplo, o que o processo de disseminação da informação, com o acesso à internet, ocasiona. "Não podemos entender a cultura de um país

sem conhecer sua arte” (BARBOSA, 1998, p. 16), a arte faz parte da cultura, mas a cultura é muito mais ampla devido às várias manifestações e valores que a constituem. A arte é uma manifestação dessas relações, conhecendo a arte e sabendo analisar é fácil acessar as características ou traços que distinguem aquela sociedade ou aquela cultura.

Para Ana Mae Barbosa (1998) “Através da poesia, gestos e imagens, a arte fala aquilo que a sociologia, a história e a antropologia, etc., não podem dizer porque elas usam outros tipos de linguagens a discursiva, a científica” (BARBOSA, 1998, p.16) e artes tem os sons, os gestos, as imagens. Nas últimas décadas a sociologia e a antropologia e outras áreas estão utilizando da produção artística para poder construir e compreender dessa história, o perfil desse homem social e cultural.

Assim, através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. Desse modo, a arte tem que desenvolver a percepção, a imaginação, fazer com que o aluno aprenda sobre a realidade do seu meio, desenvolver a capacidade crítica. A relação estabelecida entre arte e cultura é que só se pode conhecer a cultura aos estudarmos a sua arte.

Para se pensar a interculturalidade no ensino de Artes Visuais, Ivone Mendes Richter (2000), citando Vera Maria Candau (1995), diz que

Ao analisarmos as diferentes dimensões da cultura em que estamos imersos tomamos consciência de que se trata de um universo diversificado e provocativo. Talvez possa ser concebido como caleidoscópio. Nele estão presentes expressões de diferentes universos culturais, assim como manifestações das culturas populares e eruditas, da arte e da ciência, do artesanato e da microeletrônica e das distintas formas de comunicação de massa. Alguns falam de um verdadeiro labirinto em que se dão formas originais de produção cultural. (CANDAU apud RICHTER, 2000, p. 5)

Esse pensamento se aproxima da abordagem decolonial de Adolfo Álban Achinte (2019) quando expressa que

que es una compleja red de significaciones tejidas desde tramas y lógicas diversas, como los sistemas simbólicos, las relaciones económicas, las relaciones sociales y las experiencias personales y sociales, entre otras” (Camnitzer 1995: 109). Comprender el arte hoy, en toda la complejidad de nuestros tiempos, supone considerarlo como un sistema de interpretación e interpelación de la realidad y como un sistema de comunicación que haga inteligible esa realidad problematizándola y no como el resultado de la

ejecución de técnicas puestas al servicio de si mismas³. (ACHINTE, 2019, p. 27)

Assim podemos entender a arte como um sistema, fruto da relação com nossas realidades, e não apenas como um sistema de representação, pois a arte “*como proceso socio-cultural va más allá del arte como productos e implica poder construir nuevas miradas acerca de los contextos en el que la creación tiene lugar*”⁴ (ACHINTE, 2000, p. 27).

Para fins dessa pesquisa, além de pensar a interculturalidade no ensino das artes visuais, faz-se necessário entender a linguagem das histórias em quadrinhos ora adotada no contexto dessa proposta pedagógica. A linguagem dos quadrinhos será entendida a partir da noção que Achinte (2019) tem da pintura.

El acto de pintar no es solamente un hacer, es también una manera de pensar, de ver el mundo y relacionarse con él a través de formas colores, luces, sombras, volúmenes, perspectiva, proporciones y composiciones con las cuales traducimos las ideas a una superficie bidimensional como en la pintura o a un volumen real como en la escultura. Se piensa cuando se pinta por cuanto lo que se hace es una interpretación de esa realidad externa que nos circunda, habitamos y nos habita, una interpretación que se vuelve creativa en la medida que nos permite recrear lo que vemos y lo que pensamos de eso que se observa.⁵ (ACHINTE, 2019, p. 37)

Para Achinte (2019) pintar é pensar, é analisar, um exercício constante de pensamento. É dialogar com os elementos, com os materiais e principalmente com os temas e ideias que movem o processo criativo. Ao pensar o processo de tradução das ideias para uma superfície bidimensional, o autor se reporta a linguagem da pintura, no entanto, faremos uma aproximação para aplicar o mesmo pensamento a linguagem dos quadrinhos.

³ “que é uma complexa rede de significados tecida a partir de várias tramas e lógicas, como sistemas simbólicos, relações econômicas, relações sociais e experiências pessoais e sociais, entre outros” (Camnitzer 1995: 109). Compreender a arte hoje, em toda a complexidade do nosso tempo, supõe considerá-la como um sistema de interpretação e interpelação da realidade e como um sistema de comunicação que torna essa realidade inteligível problematizando-a e não como resultado da execução de técnicas postas no serviço de si mesmos” (Tradução Livre)

⁴ “como processo sociocultural vai além da arte como produto e implica ser capaz de construir novas perspectivas sobre os contextos em que se dá a criação” (Tradução Livre)

⁵ “O ato de pintar não é apenas fazer, é também uma forma de pensar, de ver o mundo e se relacionar com ele por meio de formas, cores, luzes, sombras, volumes, perspectivas, proporções e composições com as quais traduzimos ideias a uma superfície dimensional como na pintura ou para um volume real como na escultura. É pensado ao pintar porque o que se faz é uma interpretação daquela realidade externa que nos rodeia, que habitamos e nos habita, uma interpretação que se torna criativa na medida em que nos permite recriar o que vemos e o que pensamos sobre isso que se observa” (Tradução Livre).

Faz-se necessário entender a linguagem das histórias em quadrinhos. Este trabalho parte das ideias de Will Eisner (2005; 2010) acerca das narrativas gráficas e de Scott McCloud (2005). Eisner (2005) define as histórias em quadrinhos como “os principais contadores de histórias através de imagens” (2005, p. 7). Semelhante aos filmes, diz o autor, imagens e textos ou diálogos. Sobre isso Will Eisner (2005) diz

Na segunda metade do século XX houve uma mudança na definição do que é literatura. A proliferação do uso de imagens como um fator de comunicação foi intensificada pelo crescimento de uma tecnologia que exigia cada vez menos a habilidade de se ler um texto. Dos sinais de trânsito às instruções mecânicas, as imagens ajudaram as palavras e, muitas vezes, até as substituíram. (EISNER, 2005, p. 7)

McCloud (2005) conceitua os quadrinhos como uma “forma artística”, um “meio”, ou seja, “um recipiente que pode conter diversas ideias e imagens” (MCCLLOUD, 2005, p. 6). Partindo da ideia de arte sequencial de Will Eisner, Scott McCloud (2005) define as histórias em quadrinhos como “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador” (MCCLLOUD, 2005, p. 9). Esse entendimento de McCloud (2005) se aproxima do de Will Eisner (2010) quando este último entende as histórias em quadrinhos como uma sobreposição de palavra e imagem. Para fins deste trabalho, entendemos as histórias em quadrinhos como uma linguagem e uma forma de transmitir informações.

METODOLOGIA

A pesquisa utilizou a abordagem a/r/tográfica⁶, que segundo Rita L. Irwin (2013) a “é uma forma de investigação (...) que abrange as práticas do artista (músico, poeta, artista visual, dançarino, etc.), do educador (professor/aluno) e do pesquisador (investigador)” (IRWIN, 2013, p. 28). Essa forma de pesquisa possibilita uma melhor compreensão das ações humanas através da arte, permitindo novas maneiras de pensar e de interpretar o próprio andamento da investigação.

Belidson Dias (2013) coloca que a a/r/tografia, como um tipo de pesquisa educacional baseada em arte, busca “estudar a arte como o elemento essencial para o desenvolvimento de pesquisas” (DIAS, 2013, p. 24). Assim, na pesquisa a/r/tográfica, o artista, o pesquisador e o professor se fundem, tornando o investigador em constante processo de reinvenção durante o estudo, pois se deve prestar atenção para a evolução dos problemas durante o trabalho.

Outra característica desse tipo de pesquisa é a sua semelhança com a pesquisa-ação, já que a a/r/tografia tem um caráter de intervenção, pois “se liga intimamente à pesquisa-ação”, segundo afirma Rita L. Irwin (2013, p. 28).

Para Thiollent (2018, p. 14), “a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”.

A construção da ação pedagógica ou projeto de atividade, partiu da proposta metodológica de Sandra Rey (2002), que apresenta três dimensões na investigação em artes visuais, onde busquei uma aproximação com o processo criativo e a construção de conhecimento ao gerar o trabalho artístico, são elas: a dimensão abstrata, na qual “processa-se no nível do pensamento e revela-se na forma de ideias” (REY, 2002, p. 126); a dimensão prática como etapa de procedimentos e técnicas, sendo portanto a dimensão operacional (REY, 2002); e a dimensão da “obra em processo conecta-se com tudo o que diz respeito ao conhecimento” (REY, 2002, p. 126).

⁶ O termo A/R/Tografia se escreve com a “/” dividindo as letras “A”, “R” e “T” pelo fato de significar A/R/T = *Artist/Researcher/Teacher* (Artista/Pesquisador/Professor).

Foi desenvolvida uma pesquisa exploratória prévia, que serviu como um levantamento de trabalhos desenvolvidos sobre o tema ou próximo dele, que ajudou a conhecer e qualificar melhor o objeto de pesquisa, permitindo compreender as especificidades da investigação, já que, segundo Gil (2002, p. 42), “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito”.

Além da pesquisa exploratória, utilizei outros procedimentos metodológicos como a pesquisa bibliográfica, para ampliar o meu repertório de conceitos e pensar e repensar a própria atividade de intervenção. De acordo com Gil (2002), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p. 45). A partir da pesquisa bibliográfica foi realizado estudos e fichamentos para melhor compreensão dos conceitos discutidos.

Outro procedimento metodológico utilizado foi a pesquisa descritiva. Para Gil (2002) “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno” (GIL, 2002, p. 42), que ajudará na descrição da atividade.

O universo da pesquisa foi composto pela turma 03 do 6º da E. E. CIM. Fueth Paulo Mourão. Também utilizei as rodas de conversa como instrumento metodológico para a coleta de dados entre os alunos. Para Melo e Cruz (2014) a roda de conversa é um espaço de comunicação onde há diálogo e interação entre alunos e professores. Para os autores,

essa técnica de pesquisa exige cuidados metodológicos que não devem ser desconsiderados pelo pesquisador, como alerta Gatti (2005), citando a preocupação em manter o foco no assunto em pauta, a necessidade de conservação de um clima aberto às discussões, o estabelecimento de um clima de confiança para que os participantes se sintam à vontade para expressarem ativamente suas opiniões. (MELO; CRUZ, 2014, p. 33)

Foi realizado o registro visual por meio de fotografias e gravação de áudios, para coleta de dados durante a intervenção. Para os registros visuais e de áudios foi utilizado um *smartphone* durante as aulas.

Proposta Pedagógica...

Esta proposta pedagógica inseriu a produção de Histórias em Quadrinhos (HQs) na escola, com temas relacionados às lendas amazônicas, trabalhando com HQs para incentivar a leitura, a criação de roteiro e desenhos e a interligação do texto com a imagem.

Como essa pesquisa se insere no âmbito do ensino de artes, em mestrado profissional, e se exige a aplicação em sala de aula, vale ressaltar que se faz necessário o diálogo da proposta de atividade com as competências e habilidades apontadas pela BNCC - Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), que fundamentaram a realização das aulas em sala, de acordo com o Referencial Curricular Amazonense (RCA) e a Proposta Curricular e Pedagógica da Secretaria de Educação (SEDUC/AM). São elas:

- EF69AR01) Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético;
- EF69AR04) Analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc.) na apreciação de diferentes produções artísticas;
- (EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.);
- EF69AR06) Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais;
- (EF69AR07) Dialogar com princípios conceituais, proposições temáticas, repertórios imagéticos e processos de criação nas suas produções visuais.

A partir do entendimento de quais habilidades seriam trabalhadas e alcançadas, pesquisei alguns textos de lendas para apresentar aos alunos durante a roda de conversa, prevista para a

primeira aula. As principais lendas foram: a lenda do Curupira, a lenda das Amazonas, a lenda do Açaí, a lenda da Vitória Régia, a lenda do Mapinguari e a lenda da Caipora.

Etapas da Atividade

Primeira Aula

Na primeira aula, em uma terça-feira, dei início às atividades do projeto com uma roda de conversa que primeiramente serviu como sondagem para saber o que os alunos tinham de conhecimento sobre lendas amazônicas. Logo no início solicitei que os alunos formassem um círculo em sala de aula (figura 01).

A primeira pergunta que fiz foi “vocês conhecem alguma lenda amazônica?”, menos da metade dos alunos da turma levantaram as mãos, e os que afirmaram que conheciam, levantaram as mãos pedindo permissão para contar as lendas, fui permitindo que um por um contasse sua versão.

Figura 01 – Roda de conversa.



Fonte: A autora.

O primeiro aluno contou a lenda do Curupira. Segundo ele,

diz a lenda do folclore brasileiro que tinha uma tribo indígena na floresta que tinha um fogo e desse fogo saiu o Curupira e depois disso todo caçador e pessoa que entra pra destruir a floresta ele aparece e o pé dele é igual ao nosso só que é pra trás, quando o caçador pensa que ele está indo em uma direção ele está em outra e ele faz armadilhas pros caçadores.

Porém, não descreveu suas características físicas. A segunda aluna contou sobre “A lenda do cabeça de cuia”

é a história de um menino que a família dele era muito pobre e aí a mãe dele fez um trato simples com ele e ele se revoltou e bateu na mãe dele de maneira muito forte e ela morreu, mas antes dela morrer ela jogou uma maldição e transformou ele no cabeça de cuia e a única maneira dele se transformar de volta é matando cinco virgens com o nome de Maria, então ele ficou desesperado e se jogou na água e se afogou.

Como eu não conhecia a lenda e a maioria dos alunos também não, perguntei da aluna se essa lenda é da nossa região e ela afirmou que sim que o pai dela conheceu essa lenda no interior do Amazonas.

O terceiro aluno contou sobre “A lenda das Amazonas”. O quarto aluno contou sobre “A lenda do boto cor de rosa”. Outra aluna sobre “A lenda da Iara” de acordo com aluna

os pescadores iam até o lago para pescar, aí certo dia um dos pescadores quis desafiar a morte, e ele chamou por uma sereia e ela apareceu e tinha cara de anjo e ele ficou hipnotizado por ela e ela levou ele para o fundo do rio, de acordo como a gente sabe as sereias são histórias tenebrosas e eu assisti um filme sobre isso em que elas comem e se alimentam depois que elas assumem a verdadeira forma delas que é um demônio.

Uma das alunas contou a lenda da Mula sem cabeça, segundo a aluna “são histórias de moças que viram elas depois de casarem com os padres”. E por último uma aluna contou uma versão da “lenda da Vitória Régia”.

Tinha uma índia que para algumas pessoas o nome dela é Naiá e ela descobriu um mito de que se alguma mulher conseguisse tocar na lua ela viraria uma estrela, só que ela ficou bem obcecada com isso, ela subia em árvores e pulava de montanhas tentando tocar a lua e ela fez tanto isso que acabou adoecendo aí as pessoas da tribo não queriam mais que ela olhasse para a lua, aí um dia ela doente fugiu de casa e viu o reflexo da lua na água e ela se jogou na água pensando que era a lua e morreu afogada, aí eu esqueci como era o nome do deus deles, mas ele ficou com pena dela e revolveu transformar ela numa estrela só que na água e ela virou uma flor chamada Vitória Régia e toda vez que ela vê o luar ela se abre toda.

Logo após esse primeiro momento de sondagem, comecei ler algumas lendas para eles, iniciei com a “Lenda do Açaí”, em seguida com a “Lenda das Amazonas”, “Lenda do Mapinguari”, “Lenda da Vitória Régia”, “Lenda do Curupira” e “Lenda da Caipora”, e sempre descrevendo as características dos personagens das lendas, enquanto eu fazia a leitura das lendas ao mesmo tempo eu projetava um slide com várias imagens dos personagens propositalmente para criar um repertório de imagens para os alunos. Durante essa aula eu fiz alguns registros fotográficos e gravei o áudio durante toda a aula.

Segunda Aula

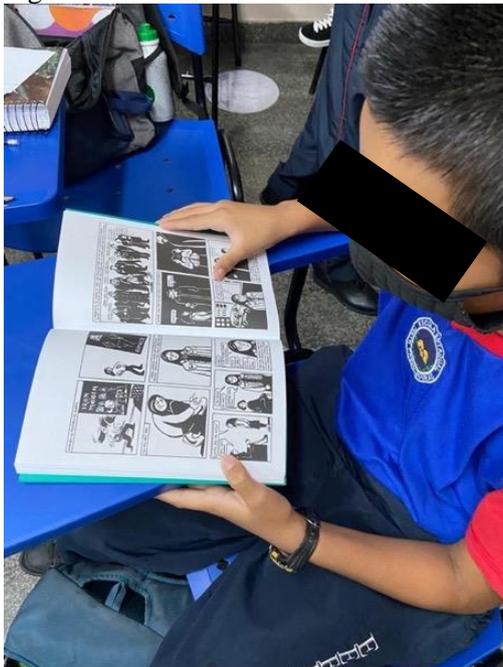
Depois de projetar várias imagens sobre quadrinhos amazônicos distribuí entre os alunos algumas revistas físicas (figuras 02 e 03) para que eles pudessem folheá-las, ler e ver de perto o material.

Figura 02 – Alunas folheando uma revista.



Fonte: A autora.

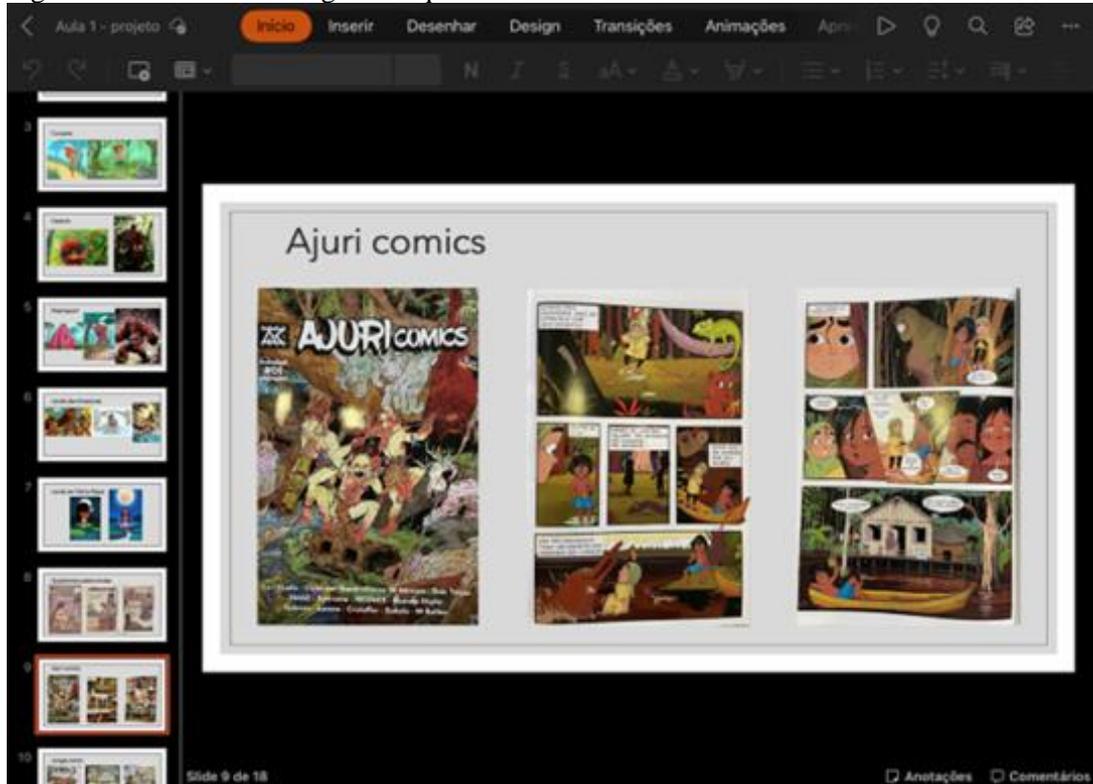
Figura 03 – Aluno lendo uma revista.



Fonte: A autora.

Nessa aula foi apresentado um slide com exemplos de revistas em quadrinhos (Figura 04), na qual se aplicou a fase de leitura da imagem da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2014).

Figura 04 – Slide com imagens de quadrinhos sobre a Amazônia.



Fonte: A autora.

Terceira Aula

Na aula apresentei para os alunos um slide (figuras 05 e 06) com conteúdo sobre a estrutura dos quadrinhos, expliquei sobre o título e local onde deveria ficar, falei também sobre as onomatopeias (palavras que imitam os sons) perguntando para eles por exemplo: como é o som de algo caindo na água? E eles respondiam “Splash” ou “timbum”. E o barulho de uma campainha? Eles: “trim, ding- dong”. E o som de uma mordida? Alunos: “nhac!”.

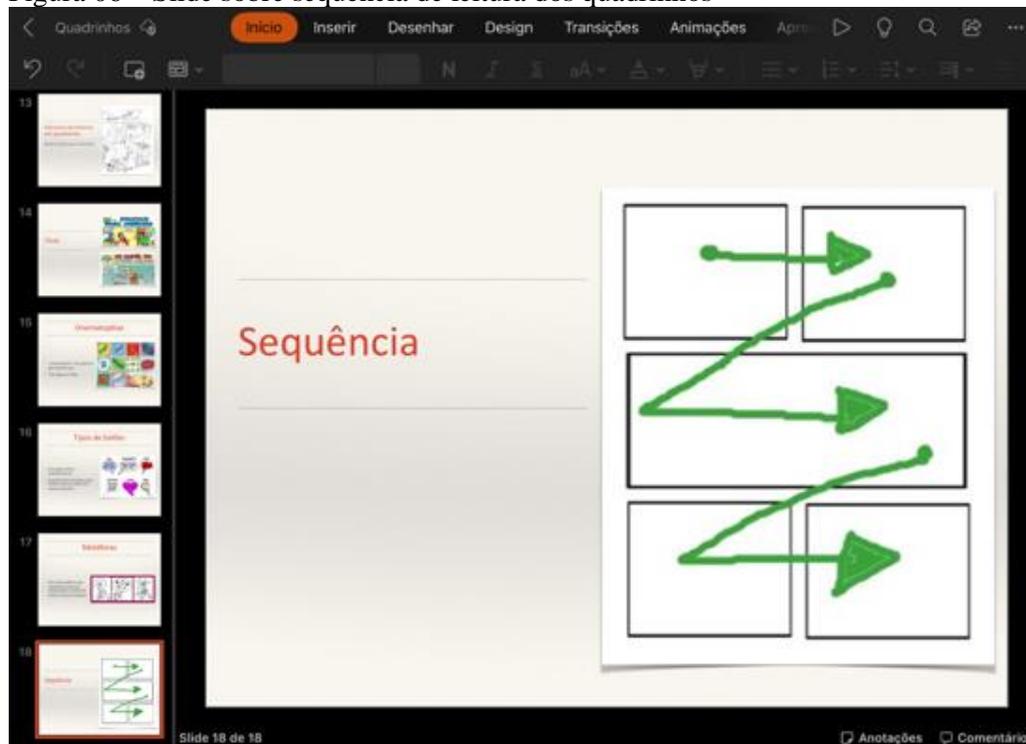
Expliquei também sobre os balões de diálogos e as diferenças entre eles, as metáforas e em seguida falei sobre as sequências de leitura da página dos quadrinhos e de como dividir a página.

Figura 05 – Slide sobre a estrutura dos quadrinhos



Fonte: A autora.

Figura 06 – Slide sobre sequência de leitura dos quadrinhos



Fonte: A autora.

Quarta Aula

Neste dia fiz o sorteio das lendas para os alunos trabalharem a história em quadrinhos, optei por não deixar eles escolherem as lendas já que a maioria optaria por escolher as mesmas e assim evitaria muitas repetições, e eu fiz a seleção de seis lendas: Lenda da Vitória Régia, Lendas das Amazonas, Curupira, Caipora, Iara e Mapinguari (as mais populares entre os alunos). Evitei algumas lendas devido a faixa etária dos alunos, por exemplo a Lenda do boto por estar relacionada ao abuso sexual. Escrevi o nome das lendas em papezinhos e pedi para que cada aluno retirasse um, então anotei o nome do aluno e da lenda sorteada. Logo em seguida alguns alunos começaram a rascunhar os seus personagens.

Alguns alunos que têm dificuldades com desenho, ficaram preocupados por não conseguirem executar a atividade, os tranquilizei dizendo que poderiam desenhar com “bonecos de palitinhos” e apenas acrescentar elementos para identificar aquele personagem, por exemplo, se o personagem fosse um índio, eles poderiam acrescentar um cocar no “boneco de palitinho” e assim ficaria mais fácil de identificar aquele personagem, e que também era importante focar no enredo da história.

Figura 07 – Aluno desenhando um Mapinguari



Fonte: A autora.

Quinta Aula

Na quinta aula entreguei os 40 kits (figura 08) com material preparado para a produção dos quadrinhos, em cada kit continha uma pasta tamanho A4, folhas de papel ofício tamanho A4, um lápis 2B e um 4B, régua e borracha, e lenda escolhida impressa. Dediquei um momento para explicar o uso dos materiais, principalmente sobre o uso dos lápis, pedi para que os experimentassem no papel para sentir a diferença entre eles, expliquei sobre como fazer sombreado com o lápis 4B, pois, muitos não conheciam.

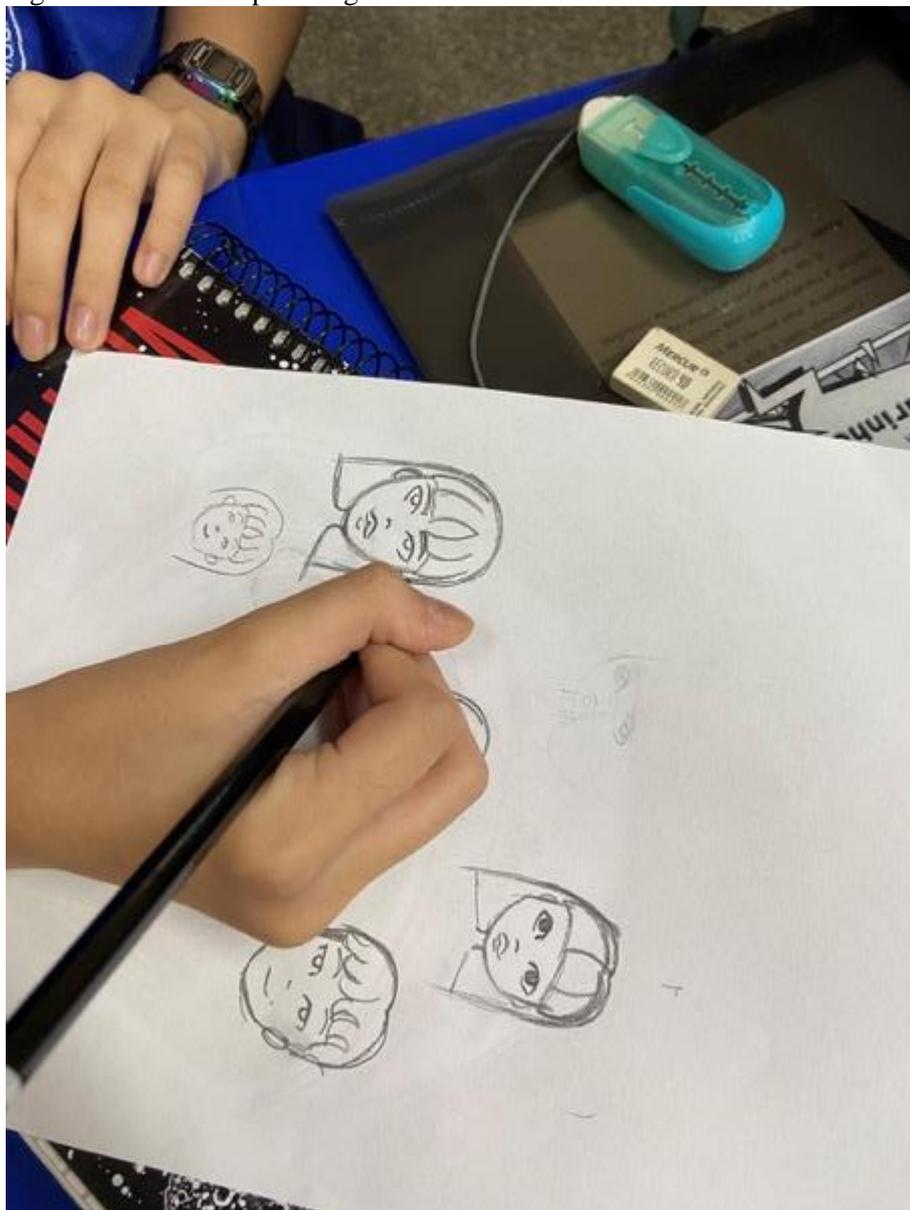
Figura 08 – Kit de material



Fonte: A autora.

Em seguida pedi para eles lerem as suas lendas e desenhassem seus personagens (figuras 09 e 10) com a liberdade de fazer alterações em suas formas e características. Por exemplo: uma aluna que estava fazendo a lenda das Amazonas, perguntou se poderia focar a sua história em apenas 3 amazonas ao invés de uma tribo inteira de mulheres, outro perguntou se podia acrescentar uma cauda no Mapinguari, outra perguntou se sua Iara poderia ter cabelos crespos no estilo *black-power* ao invés de lisos, pois, ela se identificava com tal característica. Os deixei livres para que fizessem as mudanças que achassem necessárias.

Figura 09 – Criando personagens.



Fonte: A autora.

Figura 10 – Criando personagens.



Fonte: A autora.

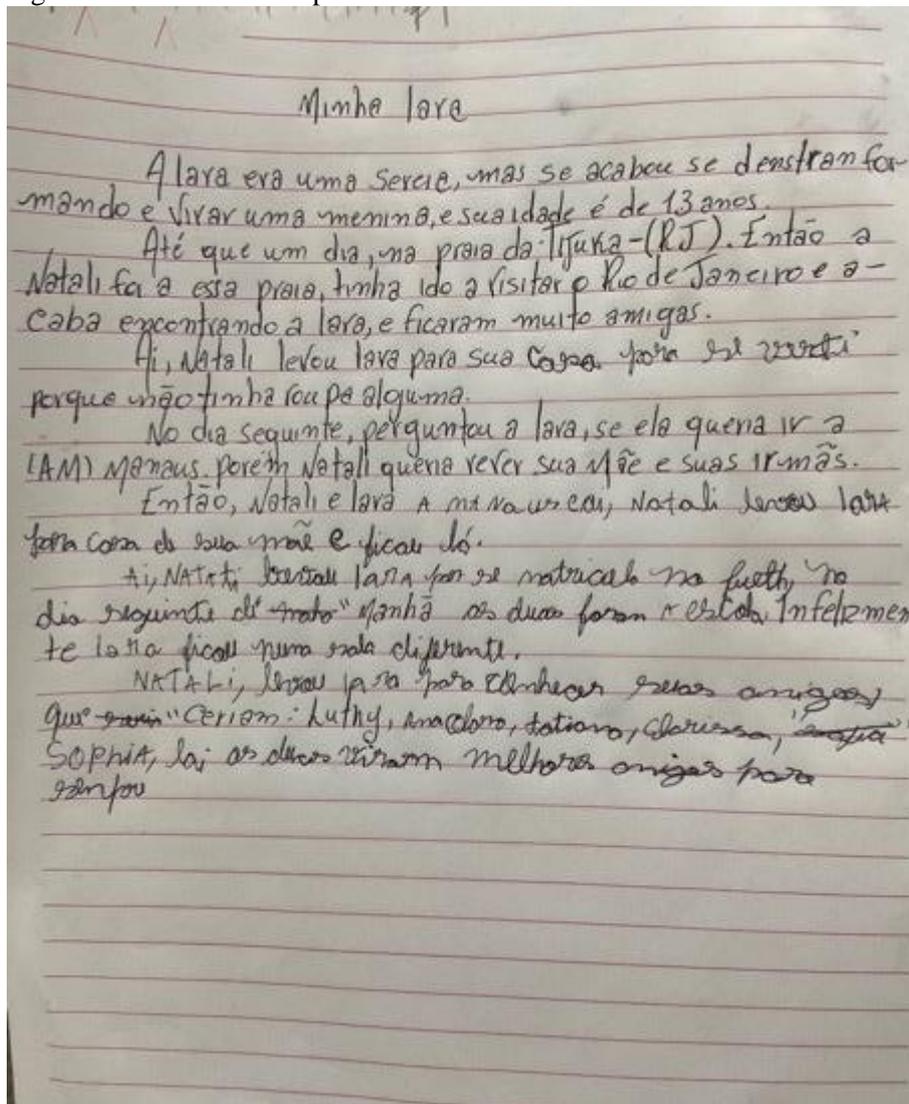
O aluno D., que é autista, trouxe para a roda de conversa a Lenda do Corpo Seco, esta lenda não estava dentro as selecionadas para os quadrinhos por eu acreditar que ela não estava

adequada para a faixa etária deles, porém o aluno estava decidido que queria fazer os quadrinhos dessa lenda e não aceitava outra, devido a “fixação” dele, eu permiti que ele a fizesse.

Sexta Aula

Depois da elaboração dos personagens, pedi para que os alunos escrevessem diretamente no caderno a história ou roteiro (figuras 11 e 12) que eles transformariam em quadrinhos.

Figura 11 – Texto escrito por aluna



Fonte: A autora.

Conforme eles terminavam de escrever, eles traziam para eu ler e fazer as correções ortográficas e para perguntar se a história estava aprovada, pois, antes havia explicado que o

Alguns alunos ficaram muito empolgados e se adiantaram na construção dos quadrinhos (figura 13) e não esperaram para elaborar primeiro o texto com a história e pularam uma etapa. Depois de conversar sobre os roteiros, os alunos começaram a elaborar as histórias em quadrinhos (figuras 14, 15 e 16).

Figura 13 – Aluno desenhando os quadrinhos.



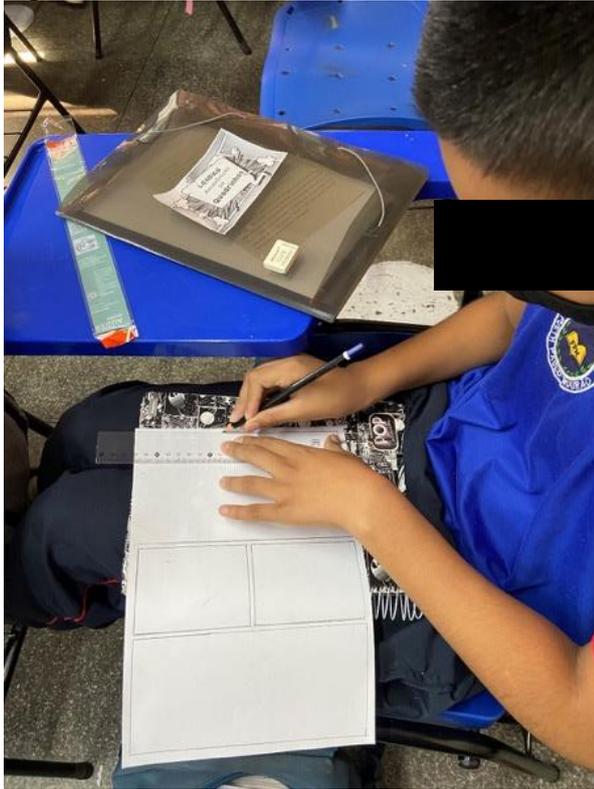
Fonte: A autora.

Figura 14 – Criando HQ.



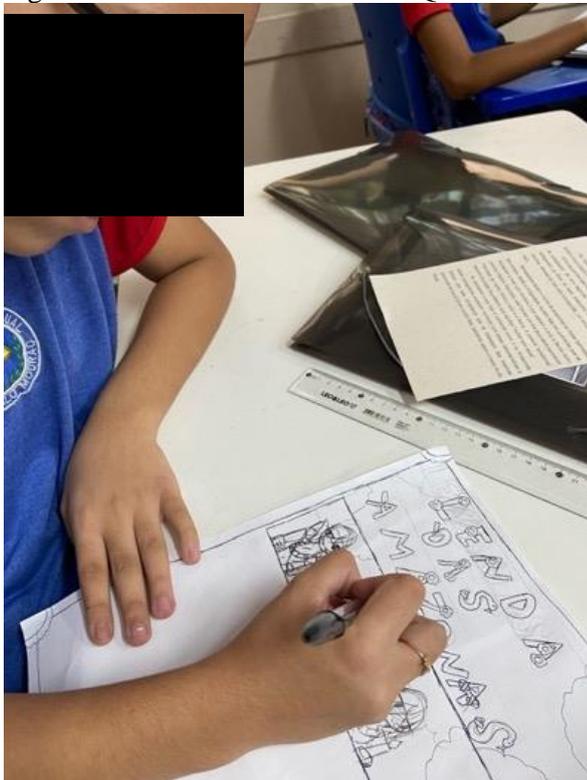
Fonte: A autora.

Figura 15 – Criando HQ.



Fonte: A autora.

Figura 16 – Aluna desenhando a HQ



Fonte: A autora.

Sétima Aula

Dia de fazer a finalização e entrega das histórias em quadrinhos, 39 alunos participaram do projeto de quadrinhos e 29 alunos entregaram suas HQs concluídas, como se nas imagens a seguir (figuras 17 a 23). Após a entrega, foram digitalizadas mais de 120 páginas desenhadas.

Figura 17 –HQ desenhado por aluna.



Fonte: Desenho de uma aluna.

Figura 18 – HQ desenhado por aluna.



Fonte: Desenho de uma aluna.

Figura 19 – HQ desenhado por aluno.



Fonte: Desenho de um aluno.

Figura 20 – HQ desenhado por aluno.



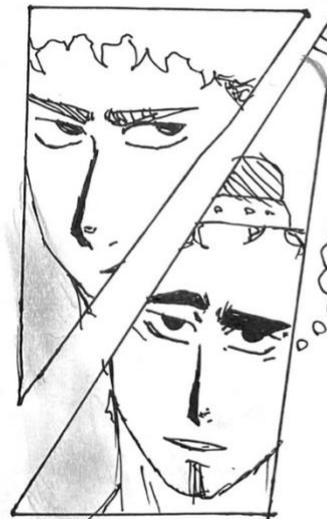
Fonte: Desenho de um aluno.

Figura 21 – HQ desenhado por aluno.

MAPINGUARI • LENDA

000 STU0105

Em outubro de 1984...



Porque ele tá me olhando assim?

EU3

Continua

Fonte: Desenho de um aluno.

Figura 22 – HQ desenhado por aluno.



Fonte: Desenho de um aluno.

Figura 23 – HQ desenhado por aluna.



Fonte: Desenho de um aluno.

Após a entrega dos quadrinhos, cada página foi digitalizada em formato .JPG, e utilizando o software Microsoft Office, foi montado a revistinha em quadrinhos com 8 histórias

em quadrinhos, totalizando 54 páginas. Foram impressas um total de 40 revistas (figura 24) e entregues um para cada aluno.

Figura 24 – Revista em quadrinhos impressa.



Fonte: A Autora.

Depois que os alunos folhearam e apreciaram a revista com o resultado de suas HQs eu solicitei que eles escrevessem um breve relato de experiência (em forma de texto e não em questionário), escrevi algumas perguntas no quadro para orientá-los no relato. As perguntas foram: Você já tinha feito Histórias em Quadrinhos antes? Você gostou de trabalhar com as lendas amazônicas? Como foi para você fazer as Histórias em Quadrinhos? Quais foram as dificuldades e as facilidades? Quais foram as suas expectativas? O que você achou do resultado da sua HQ?

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A proposta inicial da pesquisa era que os estudantes produzissem uma pintura mural coletiva com temas amazônicos. Porém, no decorrer do trabalho optei por mudar a linguagem para as HQs, devido à falta de materiais e pelas mudanças que haveria na escola como o fato da escola ter se tornado Cívico Militar com isso não poderia pintar os muros, já que existe uma padronização nas pinturas da escola.

Outro motivo para a mudança, reside no fato que todos os anos eu trabalho com histórias em quadrinhos com os estudantes, então, já tenho uma base de quantas aulas seriam necessárias para a atividade, porém planejei a atividade em um número maior de aulas, no total de sete aulas, para que todo o processo de desenvolvimento da atividade fosse bem esclarecido e mais didático, onde eles pudessem conhecer Histórias em Quadrinhos produzidas na nossa região, as lendas e também aprendessem sobre a estrutura e a linguagem das HQs. A atividade foi realizada nos meses de novembro e dezembro de 2022.

Durante todo o ano procuro desenvolver com os estudantes, conteúdos como ponto, linhas, formas, planos, hachuras, desenho em estilo cartum, criação de personagens, que servem como base para a elaboração de atividades como as HQs. Assim, a partir dessa experiência, o melhor momento para inserir o estudo de HQs na sala de aulas, deve ser após as aulas sobre os elementos visuais, para que os alunos tenham um repertório de elementos que compõem a linguagem do desenho. Portanto, a atividade de HQs pode ocorrer durante o segundo semestre do ano letivo.

Como recursos necessários para estudar HQs utilizei, projetor para os slides para exemplificar a parte mais técnica dos quadrinhos, como por exemplo: mostrar a estrutura e divisão de uma página de HQ, o uso de balões de diálogos e as onomatopeias. Devido à falta de materiais, procurei trabalhar com os materiais básicos que estivessem ao alcance dos alunos, como: lápis 2B e 4B, papel ofício, régua, borracha.

Desde o início, quando apresentei a proposta de atividade, os estudantes ficaram muito entusiasmados para realizar as HQs, desde a criação de personagens quanto a elaboração do roteiro e a arte final. Alguns alunos pularam etapas, foram direto da criação de personagens para a execução das histórias em quadrinhos, sem passar pelo roteiro. Pedi para que eles tivessem calma e não pulassem as etapas que estávamos seguindo em sala de aula. Recebi

muitos áudios dos alunos pelo WhatsApp fora do meu horário de trabalho com dúvidas sobre roteiro e desenho, eu sempre respondia para que não houvesse dúvidas.

As lendas amazônicas serviram como base para a criação das HQs, foi muito interessante ouvir os discentes contando as lendas de acordo como as conheciam e depois criando suas próprias versões e se identificando com os personagens, acrescentando características suas no que criavam e se colocando como protagonistas da sua HQ.

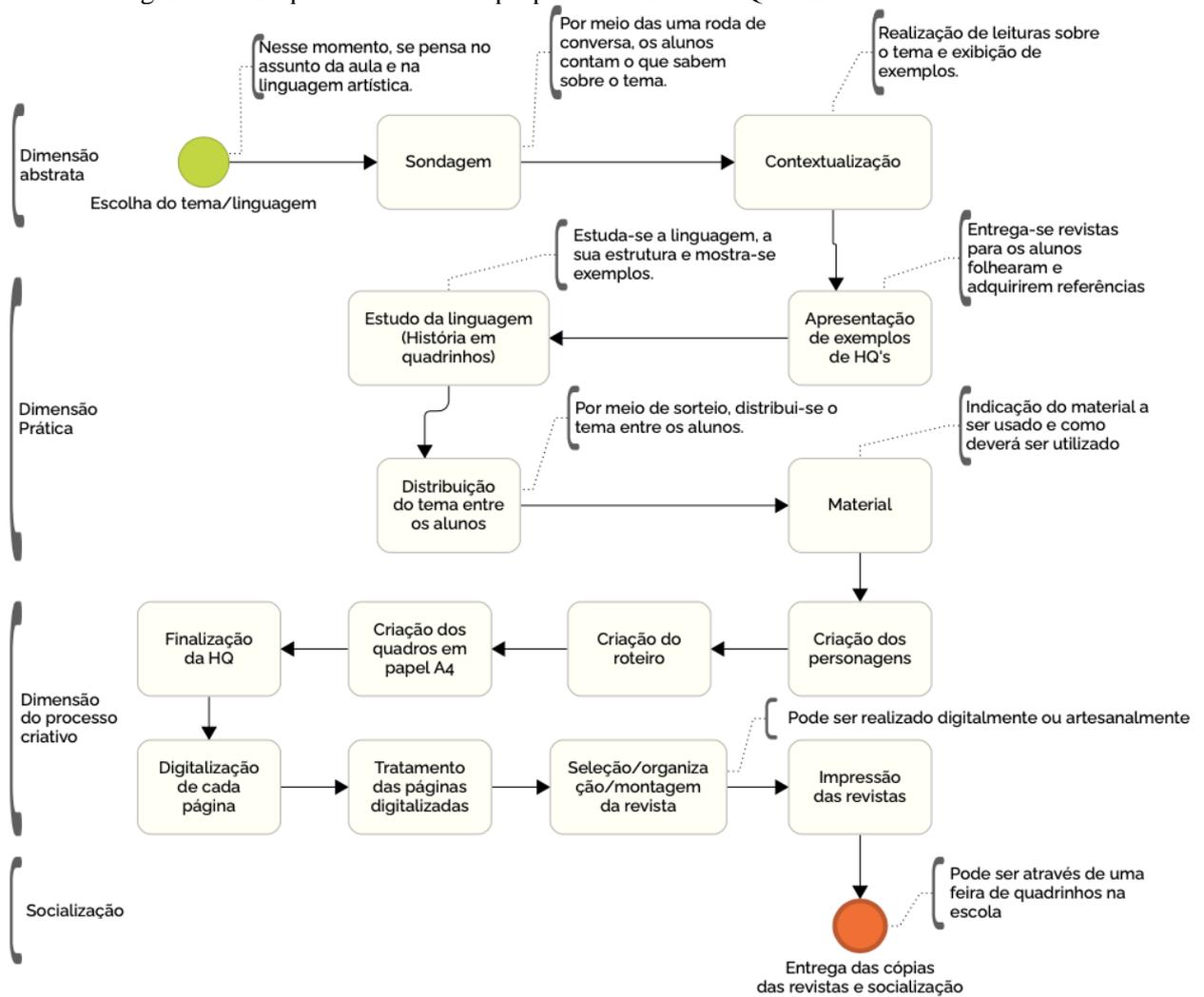
É possível perceber que este trabalho poderia ser aplicado de maneira interdisciplinar, pois senti a necessidade de que esta atividade fosse realizada juntamente com a disciplina de Língua Portuguesa, principalmente na etapa de elaboração do roteiro e na correção dele. Pois, tive pouco tempo para realizar a leitura dos roteiros e fazer a correção ortográfica e a devolutiva para que os alunos começassem a produzir.

Com o desenvolvimento desse trabalho em sala de aula, vejo que na minha prática docente, pude aprender a planejar e dividir melhor as etapas da atividade, e entendi que para realizar um trabalho com êxito e qualidade preciso planejar etapas, conhecer meus alunos, manter um diálogo aberto e direto com eles, saber ouvi-los. E acreditar e estimular a criatividade deles, que qualquer ideia pode se transformar em uma boa história.

A seguir, mostro as etapas realizadas e proponho um esquema didático (Figura 25) de como se pode potencializar o uso das HQ's em sala de aula, no componente curricular Artes. O esquema didático da figura 25 é resultado da aplicação da atividade em minhas aulas de artes na escola. Para a organização desse esquema, partiu-se das dimensões do processo criativo apresentadas por Sandra Rey (2002), entendendo aqui como fases didáticas.

Na primeira, temos a dimensão abstrata, na qual inicia pensando no assunto das aulas. Paralelamente, pensa-se também na linguagem artística que será utilizada na criação dos trabalhos por parte dos estudantes. Para isso, a aplicação de uma roda de conversa sobre o tema tornou-se proveitoso pois envolveu os estudantes na discussão do tema. Aqui, foi dividido em duas etapas, a da sondagem, através da roda de conversa, em que os alunos contaram o que sabiam, e em seguida, da contextualização das lendas, em que o professor apresenta mais informações e traz exemplos, criando repertório visual.

Figura 25 – Esquema didático da proposta de uso das HQ's em sala de aula.



Fonte: A autora.

Na segunda fase, da dimensão prática, entra-se na questão do estudo da linguagem dos quadrinhos, por meio da ampliação de repertório visual, mostrando exemplos dessa linguagem, permitindo o contato mais direto entre os alunos e os quadrinhos. Fazer com que eles folheiem produções, principalmente de quadrinistas locais, não só com desenhos bem elaborados, mas também com trabalhos simples e acessíveis de produzirem. Em outro momento, usando inclusive slides, apresenta-se a estrutura da linguagem dos quadrinhos aos estudantes, para que entendam quais são os elementos que compõem um quadrinho e como funcionam. Entra nessa fase, a escolha dos materiais a serem utilizados na criação das HQ's.

Na terceira fase, da dimensão do processo, entra-se na criação das HQ's. Cada aluno inicia os estudos e esboços dos personagens que farão parte de suas histórias. É importante salientar que cada aluno deve possuir o material necessário para a criação do trabalho, lápis, papel, borracha e régua, decidido na fase anterior, da dimensão prática. Em seguida, cada um constrói o roteiro de sua história. Nessa etapa, sentiu-se necessidade de um diálogo com o componente curricular de Língua Portuguesa.

Mesmo durante a fase da dimensão do processo criativo, os alunos precisam pensar e repensar a história que será narrada em seus quadrinhos, para isso, ele volta para a dimensão abstrata, e rediscute o tema, agora especificamente a lenda que será desenhada; desenha e redesenha os personagens e quadros da história, até chegar na versão final de sua HQ.

A última etapa desse processo pedagógico, seria a socialização do resultado dos trabalhos criados pelos alunos. Como já estava próximo do fim do ano letivo, juntamente com a programação de atividades da escola e os feriados, não foi possível aplicar a fase da socialização, que seria realizado na escola por meio de uma feira de quadrinhos. A ideia era produzir todos as HQ's e construir várias revistinhas e divulgar para a comunidade escolar. Pode-se nesse momento, convidar os pais dos alunos para esse evento de socialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a mudança da proposta inicial da pesquisa, que se transformou no estudo de uma abordagem metodológica para o uso da linguagem das histórias em quadrinhos no ensino de artes visuais, com a criação de HQ's sobre as lendas amazônicas, o trabalho pode avançar.

O principal motivo para a mudança de abordagem, foi fazer com que cada aluno desenvolvesse o seu próprio processo criativo, tendo assim, uma experiência rica, em que resultasse em sua própria produção artística. O que não ocorreria em um trabalho coletivo de pintura mural.

Ao aplicar a proposta de atividades nas aulas, foi possível perceber que alguns alunos realizaram pesquisas sobre as lendas, buscando outras referências para a criação de seus personagens. Nas aulas, os estudantes tiveram contatos com outras produções de histórias em quadrinhos, onde puderam ler e conhecer formas de contar as histórias, analisando-as, ampliando o seu repertório visual, a percepção, o imaginário e a sua capacidade de criar representações visuais.

Durante as aulas, os alunos analisaram os elementos que constituem a linguagem dos quadrinhos, através do contato direto com essa forma de expressão. Essa aproximação com a linguagem, foi ampliada através da experimentação de formas visuais usando o desenho a lápis.

Percebi que os estudantes se dedicaram bastante no desenvolvimento de seus processos criativos, demonstrando interesse, o que superou as minhas expectativas. Nesse processo, os alunos colocaram em diálogo as diversas referências que já carregavam em seu repertório, como o desenho mangá, a ideia do herói das histórias que eles próprios consomem ao assistirem animações, além de se enxergarem nas próprias produções ao se inserirem dentro das histórias.

Essa pesquisa demonstrou a importância de não trazer receitas prontas, formas acabadas para que eles replicassem em suas histórias. Os próprios alunos já possuem um referencial imagético rico que deve ser explorado nas aulas onde se necessita desenvolver processos de criação artística.

Durante a investigação ficou evidente a necessidade de se trabalhar de forma interdisciplinar, principalmente quando se trata das HQ's, já que além do desenho, há o texto que precisa ser desenvolvido.

A realização dessa pesquisa me ajudou a perceber a importância do planejamento das atividades a serem aplicadas em sala de aula, no sentido de enxergar etapas que me ajudaram a desempenhar a minha prática docente, de modo que superou as minhas expectativas com relação ao resultado dos trabalhos dos alunos.

Com um planejamento bem realizado, não só no sentido de definir etapas e executar, mas principalmente do que se escolhe para desenvolvê-las, entendendo que entra em jogo conceitos e métodos, fazendo com que o trabalho flua de forma proveitosa, permitindo a execução das ações concisas, coerentes e ricas em detalhes.

Um outro resultado que julgo importante, foi a valorização da cultura amazônica, mais especificamente das lendas amazônicas. Cada aluno se tornou protagonista de seu processo criativo tendo contato mais próxima com as lendas que estavam narrando, junto com possibilidade de enxergarem os personagens das lendas como heróis.

Assim, pensar e repensar uma abordagem metodológica para o uso das histórias em quadrinhos no ensino de artes visuais, sobre as lendas amazônicas, contribui para uma prática docente em que se leve em consideração o repertório cultural e imagético do aluno, seu protagonismo em sala de aula, o desenvolvimento de processos criativos em artes, além de aumentar o meu próprio repertório teórico e metodológico.

REFERÊNCIAS

ACHINTE, Adolfo Albán. La comunalidad creativa: una pedagogía de la imagen. *In*: CATELAN, Fernando Bueno; LOPES, Valter Frank de Mesquita. (orgs). **Nortes da Resistência: Lugares e Contextos da Arte Educação no Brasil**: Anais [do] XXIX Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil [e] VII Congresso Internacional dos Arte/Educadores. Manaus, AM, 2019. ISSN: 2525-880X

ALVES, Deborah Santana. **Percursos pedagógicos e criativos no ensino das artes visuais e da diversidade cultural indígena, africana e afro-brasileira**. Dissertação. Mestrado Profissional em Arte, Universidade Federal da Bahia. Salvador-BA, 2016.

ANDRADE, Moacir. **Pratos, lendas, estórias e superstição de alguns peixes do Amazonas**: folclore do peixe do Amazonas. Manaus: Edição do Governo do Amazonas, 1988.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/educação contemporâneas: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino de arte: anos 1980 e novos tempos**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018

DEWEY, John. Ter uma experiência. *In*: _____. **Arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIAS, Belidson. A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução. *In*: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (orgs). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria/RS: Ed. da UFSM, 2013.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**: princípios e práticas do lendário cartunista. Tradução de Luís Carlos Borges, Alexandre Boide. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **Narrativas gráficas de Will Eisner**. Tradução de Leandro Luigi Del Manto. São Paulo: Devir, 2005.

FOOHS, Marcelo Magalhães; CORRÊA, Guilherme dos Santos; TOLEDO, Eduardo Elisalde. **Histórias em quadrinhos na educação brasileira**: uma revisão sistemática de literatura. Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação, Juiz de Fora, v. 23, n. 1, p. 80-96, jan./abr. 2021. Disponível em:
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/222321/001126501.pdf?sequence=1>. Acesso em 17 fev. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GÓES, Jaidon Jorge Amorim. **Visualidades x identidades: aprender a ver para ser, estar e conviver no mundo com alteridade.** Dissertação. Mestrado Profissional em Arte, Universidade Federal da Bahia. Salvador-BA, 2016.

IRWIN, Rita L.. *A/r/tografia*. In: , Rita L. (orgs). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia.** Santa Maria/RS: Ed. da UFSM, 2013.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário.** 5. ed. Manaus: Editora Valer, 2015.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos.** Tradução de Helcio de Carvalho, Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2005.

_____. **Desenhando quadrinhos.** Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2008.

MELO, M. C. H. de; CRUZ, G.C . **Roda de Conversa:** uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio. *Imagens da Educação*, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.

MENDONÇA, João Marcos Parreira. **A produção de histórias em quadrinhos no ensino de arte na contemporaneidade.** In: 1as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. 2011. Escola de Comunicação e Artes/USP. **Anais.** São Paulo. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais1asjornadas/q_arte/joao_marcos_parreira_mendonca.pdf. Acesso em 17 fev. 2022.

MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

NICÁCIO, Alberto de Jesus Nascimento. **Desenho animados e lendas brasileiras.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Rede (PROFARTES), São Luís, 2020.

PEREIRA, Nunes. **Morongêta:** um decameron indígena. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. **O meio como ponto zero.** Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. pp. 124- 140.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais.** 2000. 248p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

RICHTER, Ivone Mendes. Multiculturalismo e interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana

Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Fábio Tavares da. **A leitura e produção de histórias em quadrinhos no ensino de arte na escola de ensino médio Adauto Bezerra – Barbalha, Ceará**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Natal, 2018.

SILVA, Mônica Sueli Caetano da. **Outras visualidades: uma abordagem da diversidade étnico-cultural no ensino das artes visuais**. Dissertação. Mestrado Profissional em Arte, Universidade Federal da Bahia. Salvador-BA, 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

VIEIRA JÚNIOR, José Jerônimo. **Quadrinizando nas aulas de arte: uma proposta pedagógica do uso das histórias em quadrinhos nos anos finais do ensino fundamental**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Natal, 2020.